

JORNALISMO TRANSMÍDIA E OS QUIZZES ELEITORAIS BRASILEIROS EM 2018

TRANSMEDIA JOURNALISM AND THE BRAZILIAN ELECTORAL QUIZZES IN 2018

João Carlos MASSAROLO¹

Gustavo PADOVANI²

Universidade Federal de São Carlos | Brasil

Resumo

O jornalismo multiplataforma desdobra o conteúdo em uma lógica transmídia oferecendo, por meio da cultura participativa, uma ampla possibilidade de acesso aos mais diversos perfis dos usuários. Deste modo, ao disponibilizar uma gama de ferramentas para a produção conteúdo textual e audiovisual, o jornalismo multiplataforma cria condições para ações socioeducativas. Essa parece ser a finalidade das plataformas de escolha eleitoral criadas para as eleições brasileiras de 2018. Neste trabalho pretende-se problematizar a lógica da montagem dos questionários no formato de *quiz* disponibilizados nas plataformas eleitorais. Busca-se, assim, verificar a lógica de escolhas implementadas dentro de seus dispositivos.

Palavras-chave

Jornalismo Multiplataforma; Plataformas eleitorais; Jornalismo Transmídia; Aplicativos Educacionais.

Abstract

Multiplatform journalism unfolds the content in a transmedia logic offering, through the participatory culture, an access to a wide possibility of access to the most diverse user profiles. Thus, by providing a range of tools for the production of textual and audiovisual content, cross-platform journalism creates conditions for socio-educational actions. This seems to be the purpose of the electoral election platforms created for the 2018 brazilian election. In this paper, we intend to problematize the logic of the assembly of questionnaires in quiz format, made available on electoral platforms. Therefore, this paper verify the logic of choices implemented within their devices.

Keywords

Journalism Multiplatform; Electoral Platforms; Transmitted Journalism; Educational Applications.

RECEBIDO EM 29 DE AGOSTO DE 2018
ACEITO EM 22 DE OUTUBRO DE 2018

¹Doutor e Mestre em Artes (Cinema e Vídeo) pela Universidade de São Paulo. Professor associado do Departamento de Artes e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. Coordenador do Grupo de Pesquisa GEMInIS e Editor responsável da Revista GEMInIS. Coautor do livro **Desafios da transmídia: processos e poética** (2018). Contato: massarolo@terra.com.br.

²JORNALISTA. Mestre em Imagem e Som pela Universidade de São Carlos. Professor substituto do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar. Pesquisador do Grupo de Estudos sobre Mídias Interativas em Imagem e Som (GEMInIS). Contato: guspado@gmail.com.

Introdução

Na era da convergência midiática a informação se propaga pelas plataformas com uma velocidade muito maior do que seria possível imaginar no sistema *broadcasting*, produzindo mudanças no modo como o público acessa o conteúdo jornalístico ou assiste à televisão e troca informações entre si. Esse público deseja, sobretudo, participar da produção da informação e vivenciar narrativas de forma simultânea, através de múltiplas telas. A velocidade da informação, associada aos recursos geolocalivos dos dispositivos móveis, afeta a percepção espaço-temporal do público de como a informação circula e é compartilhada nas plataformas sociais. Esse contexto afeta diretamente a produção e circulação de conteúdos do jornalismo multiplataforma, principalmente nas práticas de promoção de engajamento do público através da cultura participativa.

A lógica transmídia pressupõe construções de mundos possíveis, a partir de uma narrativa canônica (*storyworld*), dotada de extensões por diferentes canais e/ou suportes, permitindo que o público acesse as informações por inúmeros pontos de entrada. Posicionadas entre os espaços narrativos, as extensões rompem as barreiras entre educação e entretenimento, servindo como porta de entrada para a articulação estratégica de conteúdos socioeducativos. Nos espaços criados pela lógica transmídia as plataformas de escolha eleitoral, desenvolvidas para as eleições de 2018, ajudam o eleitor a identificar e escolher o candidato que combine com suas preferências políticas. Neste trabalho plataformas de escolha eleitoral são analisadas com o objetivo de problematizar a lógica empregada na montagem dos questionários dos *Quiz*, nos quais o eleitor/usuário é convidado a interagir num jogo de caráter lúdico/educativo em que são testados os seus conhecimentos sobre o perfil dos candidatos nas eleições 2018.

A lógica transmídia, enquanto procedimento do jornalismo multiplataforma, permite que um produto midiático como, por exemplo, uma grande reportagem, produzida para ser veiculada primeiramente na TV, seja desdobrada para múltiplas telas e plataformas de vídeo sob demanda, além de jogos para dispositivos móveis e redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*, entre outras). Esse processo de convergência midiática estimula a produção colaborativa de textos, fotos, vídeos em *blogs* para circulação nas plataformas sociais. Para Henry Jenkins, a convergência “representa uma transformação cultural em que consumidores são incentivados a procurar

novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos” (2009, p. 29).

A série documentária norte-americana *East Los High*³ (2013-), criada pelo site de *vídeo on demand* - 'Hulu'⁴, é uma obra de caráter educativo que se utiliza da lógica transmídia para contar a vida de jovens descendentes de famílias latino-americanas que cresceram e vivem na cidade de Los Angeles. A série foi escrita e dirigida por Carlos Portugal, com a criação de conteúdo transmídia pela produtora *The Alchemists* (do brasileiro Mauricio Mota). A série oferece encontros por *Skype* com atores; perfis de personagens para o público interagir; vídeo blog da personagem grávida Ceci Camayo, imagens ligadas a cultura latina⁵, entre outras ferramentas. As jovens que participam da série produzem conteúdos e os disponibilizam nos seus canais de blogueiras, expondo o cotidiano das imigrantes latinas em Los Angeles. Ou seja: a série documental transmídia permite às jovens envolvidas com o movimento social se verem “como protagonistas em situações ou eventos descritos em uma reportagem.” (ALZAMORRA; TARCIA, 2012, p. 31).

Do mesmo modo, ao disponibilizar uma gama de ferramentas para a produção de conteúdo textual e audiovisual, o jornalismo multiplataforma cria as condições para ações socioeducativas, capazes de retroalimentar o público com materiais baseados nos seus rastros digitais e que, supostamente, são do agrado do usuário em questão. Para Scolari (2014, p. 74), “não há nenhuma mídia informativa, seja escrita ou audiovisual, que não convide seu público para enviar informação, fotografias, vídeos ou textos que permitam que narração das notícias sejam expandidas.” Assim, a lógica transmídia aplicada ao jornalismo multiplataforma materializa a noção de “cauda longa” (ANDERSON, 2009), alcançando públicos cada vez mais pontuais e remotos, com características migratórias e de maior conectividade (redes sociais), além de ser uma importante ferramenta para a criação e o desenvolvimento de aplicações educativas.

Para esse público, acostumado a se deslocar e a transitar por diferentes canais em busca de informação, essas iniciativas desempenham um papel importante para disponibilizar informações que possam ajudar na escolha do candidato de sua preferência nas eleições de 2018. No entanto,

³A série realizou parcerias inovadoras com organizações não governamentais que tratam sobre gravidez e o consumo de drogas na adolescência. Disponível em: <<http://eastloshigh.com/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁴Disponível em: <<https://signup.hulu.com/plans>> Acesso em: 20 out. 2018.

⁵Disponível em: <<http://eastloshigh.tumblr.com>>. Acesso em: 20 out. 2018.

essas plataformas possibilitam não somente um maior conhecimento do repertório cognitivo do eleitor mas, também, dos processos de gestação das subjetividades em contínua mutação. As subjetividades autoprogramáveis se desenvolvem, em grande parte, a partir do que Pariser (2012, p. 3). define como filtro-bolha: “um universo de informações exclusivo para cada um de nós (...) que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações.”.

Essas ações corroboram para a criação de redes discursivas que oferecem uma percepção midiaticizada da realidade, promovendo a “[...] passividade na aquisição de informações, o que vai de encontro ao tipo de exploração que leva à descoberta.” (PARISER, 2012, p. 27). Deste modo, as plataformas sociais “[...] operam segundo uma lógica algorítmica que tende a produzir relações entre indivíduos com afinidades múltiplas, logo menos expostos ao contraditório, e isso propicia a dinâmica do *bonding*, fundamental para o fortalecimento psicológico dos grupos.” (BOSCO, 2017, p. 78).

Para a pesquisadora Mariana Valente, após a onda de protestos em junho de 2013, grupos conservadores adotaram um comportamento que ela classifica como multiplataforma: “[...] se articulam em grupos de WhatsApp, mas atuam em outras redes sociais. Nas conversas no aplicativo articulam movimentos coordenados, como comentários em vídeos do *YouTube* e no Facebook.”⁶. Essa estratégia surpreendeu boa parte do campo progressista, com a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e a eleição de um candidato de extrema direita para a Presidência da República no Brasil. Não à toa, ambos candidatos se valeram da mesma lógica do algoritmo nas redes ao utilizarem estratégias e lógicas similares em suas campanhas por meio do uso de dados⁷.

Nesse contexto, plataformas de jogos educativos que agregam em sua concepção tecnologias e técnicas de *design* provenientes do entretenimento transmídia contribuem para a criação de um espaço sociocultural distinto da dinâmica da lógica algorítmica que opera por afinidades nas plataformas sociais, servindo como um indicador do potencial de habilidades cognitivas que os jogos são capazes de desenvolver. O aspecto educativo/lúdico dos *games* motivam o jogador a avançar na exploração e na aquisição de novos desafios e aprendizagens no contexto de

⁶“Eleitores de Bolsonaro replicam grupos de WhatsApp na rede”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eleitores-de-bolsonaro-replicam-grupos-de-whatsapp-na-rede.shtml>> Acesso em: 20 out. 2018.

⁷Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/03/A-rela%C3%A7%C3%A3o-de-Bolsonaro-com-a-extrema-direita-internacional> Acesso em: 04 out. 2018

uma narrativa. No entanto, os jogos educacionais ainda são uma área pouco explorada no mercado, e um dos motivos para isto é a dificuldade em se criar um jogo educacional que seja interessante ao jovem. Os jogos de entretenimento, que atraem os jovens não são produzidos com o objetivo de fazer o jogador aprender alguma coisa, enquanto que a maioria dos jogos educacionais possui desafios fracos e pouco motivadores. Uma solução possível seria a inserção de um contexto histórico para os conteúdos de aprendizagem. Neste sentido, jogos como o *Quiz*, um gênero que demanda habilidades cognitivas para resolver desafios, são capazes de motivar os jogadores a interagirem.

Nas eleições de 2018 foram desenvolvidas aplicações educativas/lúdicas como o *Quiz*, com o objetivo de testar o conhecimento do público em relação aos candidatos, tanto no plano regional quanto no nacional. *Quiz* é o nome de um jogo interativo, de caráter lúdico/educativo, que pode ser aplicado a diversas áreas de conhecimento (esportes, saúde, entretenimento, entre outros), como recurso didático-pedagógico, no qual o participante tem o intuito de aprender jogando. Um *quiz* estimula os jogadores a responderem questionários com perguntas sobre determinado tema. Os questionários de perguntas e respostas são comuns em processos seletivos, testes vocacionais, pesquisas quantitativas, assim como em atividades lúdicas como jogos de tabuleiro, programas de televisão e outras atividades informais⁸, e agora podem ser encontrados também nas plataformas de escolha eleitoral.

As plataformas de escolha eleitoral que se apresentam no formato de *quiz*, "fazem convergir estratégias de *game design* no campo educacional e da vida cotidiana, com o objetivo de tornar a realização de diversas atividades mais prazerosa e recompensadora"⁹ (MASSAROLO & MESQUISTA, 2013). Essa estratégia metodológica, conhecida como gamificação¹⁰, reforça qualidades importantes da atividade lúdica. Neste sentido, um *quiz* normalmente segue regras de um jogo, no qual os vencedores são os que atingem o maior número de pontos. Nos quizzes das plataformas de escolha eleitoral a principal recompensa para os jogadores é a revelação, ao término

⁸Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/09/13/local/noticia/quizzes-uma-tradicao-irlandesa-que-virou-febre-em-lisboa-1707542> Acesso em: 20.10.2018.

⁹*Narrativa transmídia e a Educação: panorama e perspectivas.* Revista Ensino Superior, da UNICAMP, 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/narrativa-transmidia-e-a-educacao-panorama-e-perspectivas>> Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁰Neologismo traduzido de *gamification*.

das respostas do questionário, do perfil do candidato selecionado pelo dispositivo e que, ao menos em tese, correspondem às preferências do eleitor/usuário. Deste modo, as plataformas eleitorais incorporam processos cognitivos nas estratégias de gamificação, transformando a cultura participativa num espaço de mediação política.

Descrença na democracia, crença no algoritmo

Um acontecimento, em sua instância epistemológica, pode ser compreendido como um processo que culmina no fim de algo e no começo de algo novo, uma fenda no tempo na qual a humanidade identifica seus processos de mudanças. Como indica Deleuze e Guattari (2003), há sempre “uma parte de acontecimento, irreduzível aos determinismos sociais, e as séries casuais” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 215), ou seja, há sempre um resultado que se torna um movimento aberrante, gestado por uma origem comum, mas nascido com uma face completamente estranha aos traços que reconhecíamos. Transcorridos alguns anos após as manifestações ocorridas em junho de 2013 os acontecimentos daquele momento assumem um papel central na compreensão das configurações políticas presentes no País. Sua abrangência e intensidade, iniciaram como uma reivindicação a respeito de 20 centavos da passagem no estado de São Paulo, mas logo canalizaram uma insatisfação de pautas transindividuais, que simbolizavam o acúmulo de diversos anos de questões abertas pelo governo. Impulsionada pela atuação dos ativistas, as redes e as ruas encontraram uma sinergia através da necessidade de uma mobilização urgente que, em pouco tempo, geraram milhares de manifestações pelo país.

Essas manifestações colocaram em xeque o papel das principais instituições, a exemplo da mídia corporativa, cujas manifestações foram impulsionadas por “[...] uma cobertura criminalizada das manifestações, que dava ênfase ao vandalismo e aos distúrbios ao trânsito” (ALZAMORRA; RODRIGUES, 2014, p. 7), e com opiniões que desqualificavam os atos - como o editorial de Arnaldo Jabor no *Jornal da Globo* e a pesquisa realizada ao vivo com os telespectadores a respeito do uso de violência nas manifestações proposto pelo apresentador José Luiz Datena no programa *Brasil Urgente*. Todas essas narrativas foram questionadas pela massiva produção de vídeos, fotos e *lives* realizadas por usuários ou coletivos coordenados como a *Mídia Ninja*, e, aos poucos, a grande mídia passou a responder dinamicamente a essa lógica *in loco* imposta pelos usuários que se dedicavam ao ativismo. Essa importância das plataformas nas manifestações, e sua respectiva troca de conteúdos com a grande mídia, configurou-se em

2013 com um acontecimento discursivo transmídia: um grande fluxo de participação entre midiativistas e a grande mídia em torno de uma mesma narrativa, em que cada plataforma concedia em seus conteúdos uma contribuição para uma melhor compreensão dos acontecimentos.

Essa forma de produção de conteúdo e a midiaticização das manifestações transformaram o cenário político nacional. Em um primeiro momento esse levante ocasionou um descontentamento direto em relação a então presidente Dilma Rousseff, pois seu governo “[...] viu suas taxas de aprovação derreterem ao mesmo tempo que falhava em propor políticas de remobilização produtiva, intensificando a crise econômica.” (CAVA; COCOO, 2018, p. 101). Essa crise também se refletia e servia como argumento discursivo para fortalecer o surgimento de diversos movimentos que se contrapuseram à narrativa e à agenda progressista do governo do Partido dos Trabalhadores (PT), criando, assim, uma rede antipetismo fortalecida por grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua e Revoltados Online.

Como observa Alves (2016, p. 168), essa agenda afinou-se ainda mais para um anti-esquerdismo no qual a negação das políticas do governo petista ou elementos dispersos que atravessem os tons da esquerda, tornou-se o elemento “identitário mais enfatizado por estes agentes, muito mais do que uma tentativa de construção de imagem coletiva que represente um “nós” coeso, com objetivos e *modus operandi* claros”. Esse levante já se refletiu nas acirradas eleições de 2014, quando Dilma Rousseff e Aécio Neves disputaram o segundo turno e a então presidente manteve seu mandato por uma diferença de cerca de 3 milhões de votos.

O *impeachment* de Dilma, ocorrido em agosto de 2016, e a prisão do ex-presidente Lula, em abril de 2018, materializam em parte, os desejos políticos provenientes da força da oposição que essas conclamações em rede representou, somada à oposição dos diversos partidos que se articularam. O *impeachment* de Dilma, pelo campo progressista, é lido como um “golpe” arquitetado por significar a articulação de diversos segmentos da sociedade e de políticos para desqualificar as ações do governo, principalmente por levar em conta diversas ações e não apenas a “pedalada fiscal” realizada por ela e por outros políticos brasileiros¹¹. A prisão de Lula também aparece, em grande parte, questionada pela esquerda devido às suas complexas

¹¹Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160322_oab_impeachment_ms>
> Acesso em: 06.05.2018

acusações a partir de um debate sobre as provas que o incriminam (as reformas, a visita ao imóvel e um documento rasurado), como demonstram algumas análises de pesquisadores e professores de direito.

Independente do espectro político citado, ambos os fatos são sintomas diretos que influenciaram na inconfiabilidade que o sistema democrático contemporâneo exibe. Em um universo permeado por *fake news*, militância em diversos espectros políticos e pelas denúncias de corrupção investigadas pela Operação Lava Jato, o contemporâneo exibe uma crise no sistema democrático, acontecimento esse também observado por autores como Negri e Hardt (2012), Castells (2013) e Cava e Cocco (2018), não somente no Brasil, mas em diversos países do mundo.

Plataformas eleitorais e a educação política

Com a chegada do período eleitoral no Brasil diversas plataformas de escolha eleitoral¹² foram criadas, para poder entregar aos usuários dados personalizados que facilitassem as escolhas de sua preferência em relação aos candidatos. De forma geral, essas plataformas tentam estabelecer uma relação direta observada em outras aplicações de uso semelhante como, por exemplo, os aplicativos de relacionamento (*Tinder e OkCupid*, entre outros), de tal forma que os dados inseridos na plataforma possibilitem gerar uma espécie de “*match*” (uma combinação possível entre as duas pontas, no caso, entre candidato e eleitor) com porcentagens que indiquem as relações de afinidade entre o repertório cognitivo do usuário/eleitor e do candidato de sua preferência.

Figura 1 - Tabela de plataformas desenvolvidas para avaliar os candidatos eleitorais

Nome	Desenvolvedores	Funções
Tem meu Voto	Catraca Livre	Análise de alinhamento entre opiniões do usuário e propostas/pensamentos dos senadores, deputados estaduais e federais de acordo com as respostas do usuário
Link de acesso		https://temmeuvoto.com/

¹² No Brasil, as aplicações educativas eleitorais surgiram nas eleições de 2016. No entanto, a maioria dos aplicativos oferecia informações apenas sobre o processo eleitoral, sem focar no perfil dos candidatos. A esse respeito, consultar o seguinte endereço eletrônico: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2016/aplicativos-para-android-e-iphone-colocam-as-eleicoes-no-celular-conheca-os-apps-ejsqg5o7v9cy5elaii762y63a/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Sintonia Eleitoral	G1	Análise de alinhamento entre opiniões dos usuários e dos candidatos à presidência de acordo com respostas do usuário
Link de acesso		https://sintoniaeleitoral.g1.globo.com/
Jogo Eleitoral	G1	Análise de alinhamento entre os usuários e das candidatos a governador através de questionários
Link de acesso		http://especiais.g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/jogo-eleitoral-governador/
Quem eu escolho?	G1	Reunião de informações filtráveis pelos usuários para conhecer melhor os candidatos a deputados federais e estaduais
Link de acesso		http://especiais.g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/quem-eu-escolho/
Match Eleitoral	Folha de S. Paulo	Análise de alinhamento entre opiniões dos usuários e propostas/pensamentos dos deputados federais e senadores de acordo com respostas do usuário
Link de acesso		https://matcheleitoral.folha.uol.com.br/
Me Representa	Fundación Alvina / Altec / Omydiar Network / Tini e Guimarães Advogados	Filtro de alinhamento entre características dos candidatos a deputados estaduais, federais e senadores
Link de acesso		https://merepresenta.org.br/
Calculadora de Afinidade Eleitoral	O Iceberg	Análise de alinhamento entre opiniões de usuários e porcentagem de afinidade com todos os candidatos à presidência
Link de acesso		https://oiceberg.com.br/calculadora/
Partidômetro das eleições para deputado	O Iceberg	Análise de alinhamento entre opiniões de usuários e porcentagem de afinidade com todos os candidatos a deputados
Link de acesso		https://oiceberg.com.br/partidometro/

Voz Ativa	Rede de Advocacy / Universidade Federal de Campina Grande / Dado Capital	Filtro de alinhamento entre respostas e características dos candidatos a deputados estaduais e senadores.
Link de acesso		http://www.vozativa.org/
Vigie Aqui	Reclame Aqui	App e extensão que identifica fotos e nomes de políticos condenados, processados ou investigados aparecer.
Link de acesso		http://www.vigieaqui.com.br/detectordefichadepolitico

Fonte: Elaborada pelos autores.

Uma grande parte dessas plataformas, tal como: *Voz Ativa*, *Partidômetro das eleições para deputado*, *Calculadora de Afinidade Eleitoral*, *Match Eleitoral*, *Sintonia Eleitoral*, *Jogo Eleitoral* e *Tem Meu Voto*, organiza os resultados como um *Quiz*, através de um questionário que pode variar de 1 a 20 perguntas. Neste sentido, é importante frisar que na montagem do questionário de um *Quiz* são utilizadas variáveis que apresentam pontos de vista extremos dos candidatos, com o objetivo de dificultar a resolução do problema. Contudo, essa estratégia comumente utilizada nos *Quiz* pode enviesar a resposta do usuário/eleitor e prejudicar a seleção e escolha do seu candidato.

Essas plataformas geralmente analisam todas as respostas às perguntas efetivadas pelos usuários para depois ofertar como resultado um *display* com as fotos de todos os candidatos que podem ser deputados estaduais, deputados federais, senadores, governadores e presidente, organizados por uma porcentagem de *match* baseado nas respostas oferecidas. No entanto, os procedimentos de avaliação, apresentação de resultados e *design* de suas funcionalidades são diferentes e inferem na comunicação com o usuário.

O *Match Eleitoral*¹³, desenvolvido *Folha de S. Paulo*, por exemplo, realiza questões como "O Casamento deve ser sempre entre homens e mulheres?". Abaixo da pergunta o candidato pode selecionar entre duas opções de resposta: o quanto ele endossa essa frase (*concordo totalmente / discordo totalmente / concordo parcialmente / discordo parcialmente*) e o quanto esse tema tem importância para a escolha do candidato (*nada importante / um pouco importante / muito importante*). Esse filtro duplo de

¹³Disponível em: <<https://matcheleitoral.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 10 out. 2018.

respostas possibilita aos algoritmos da plataforma possam entender melhor não só como essa questão aparece para o candidato político, mas também para “ajustar o grau de afinidade entre representante e representado e diminuir a possibilidade de empates, o match é ponderado pelo nível de importância que o eleitor atribui ao tema”¹⁴.

Após todas as perguntas serem respondidas configura-se um grande mural com diversas fotos que identificam os candidatos e seus partidos, apresentando-os em ordem decrescente, ou seja, organizando-se de tal forma a apresentar primeiro os indivíduos que possuem mais afinidade com o usuário até aqueles que possuem menos afinidades. O usuário também consegue acessar em cada uma das fotos uma segunda página com informações sobre os candidatos, podendo descobrir, também, de qual partido ele já fez parte, como ele respondeu cada pergunta que foi feita previamente ao candidato, além de também sua declaração de bens e seu respectivo detalhamento.

Figura 2 - Resultado da plataforma *Match Eleitoral* e seus resultados



¹⁴ Disponível em: <https://matcheleitoral.folha.uol.com.br/> Acesso em: 10. out. 2018

Como metodologia para elaboração do *Match Eleitoral* os pesquisadores do *Datafolha* entraram em contato com 35 partidos, solicitando os nomes e contatos de seus candidatos. Após esse levantamento inicial foram enviadas aos candidatos 80 perguntas elaboradas previamente com usuários e outros estudos estatísticos que, depois de uma triagem, se transformaram em 20 perguntas. Os códigos da plataforma são abertos e permitem uma atualização constante, sem precisar de alterações estruturais com novas informações.

No caso da plataforma *Voz Ativa*¹⁵ os resultados são dispostos e criados de uma forma diferente. Dividido em cinco temas - "Meio Ambiente", "Direitos Humanos", "Integridade e Transparência", "Nova Economia" e "Transversal" - cada um desses tópicos dá acesso a 10 perguntas nas quais o usuário pode escolher entre "a favor", "não sei" e "contra". Com perguntas mais específicas, como "Incentivos e subsídios para a fabricação e aquisição de carros elétricos no Brasil", a plataforma também conta com um recurso que auxilia o usuário a entender mais sobre a pauta na qual ele está sendo exposto. Logo abaixo da afirmação há um botão escrito "O que é isso?": ao clicar nele surge uma explicação breve sobre o tema, ou sobre a expressão que está em jogo na afirmação. No caso do meio ambiente selecionado, a explicação é a seguinte: "O Governo Federal lançou em julho deste ano, o Rota 2030, novo regime de benefícios para o setor automotivo. Entre outras medidas, prevê a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de veículos elétricos ou híbridos."

Como metodologia, a plataforma *Voz Ativa* realizou 46 perguntas com os candidatos e cruzou essas mesmas respostas com as opções dos usuários, embora não sejam especificadas as condições nas quais ocorreu esse contato. No entanto, ela também oferece seus dados abertos para que possa ser checado como se efetivou o desenvolvimento de programação da plataforma.

A plataforma também oferece um diferencial: os resultados não são ofertados de uma vez apenas quando o usuário preenche todas as perguntas, mas as porcentagens são reconfiguradas imediatamente a cada resposta individual do usuário. Além de mostrar uma transparência maior do processo, essa operação ajuda a atender todo o caminho lógico das perguntas, possibilitando ao usuário ver qual é a importância que cada pergunta tem no processo. Por outro lado, essa lógica também possibilita que o usuário volte.

¹⁵Disponível em: <<http://www.vozativa.org/sobre>>. Acesso em: 10 out. 2018.

para conceder outra resposta a um item já respondido, alterando, assim, a disposição dos candidatos em questão que mais combinam com sua opinião.

A plataforma *Me Representa*¹⁶ faz outro tipo de filtragem dos resultados da enquete sobre os candidatos. Ao selecionar a opção *sou eleitor* o usuário é convidado a responder “O que é importante para você?” e sua resposta pode ser feita em nove blocos temáticos, nos quais ele pode selecionar um ou todos simultaneamente – entre eles, as temáticas “LGBT”, “Raça”, “Gênero”, “Povos Tradicionais e Meio Ambiente”, “Trabalho, Saúde e Educação”, “Segurança e Direitos Humanos”, “Corrupção”, “Drogas” e “Migrantes”. Depois do resultado prévio a plataforma concede ao usuário a opção de utilizar filtros, para poder identificar os candidatos por “cargo” (deputado estadual, deputado federal e senador), por “identidade” (“Mulher”, “Negro”, “Indígena” e “LGBT”) e “partido” (uma lista com 35 partidos).

As opções temáticas de importância, os filtros e o discurso da plataforma demarcam bem o caráter militante do *quiz*, e têm como objetivo oferecer as “leitoras e eleitores as candidaturas que valorizam os direitos humanos.”, se apresentando como uma “[...] ONG formada por coletivos de mulheres, pessoas negras e LGBTQ+ que buscam promover igualdade de gênero, luta antirracista e respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero na política. ”.

Figura 3- Imagem da plataforma *Voz Ativa* e seu sistema gradual de revelar os resultados



¹⁶Disponível em: <<http://merepresenta.org.br/faq>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Utilizando uma lógica colaborativa¹⁷, *Me Representa* convida os usuários e os políticos para cadastrarem-se e a buscarem informações sobre os representantes para além das oferecidas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Foram realizadas 22 perguntas, baseadas em 9 eixos temáticos, para os candidatos, com o intuito de entender seu posicionamento, mas, além disso, foram criadas filtragens baseadas em cinco componentes: a avaliação do candidato(as) segundo seu posicionamento frente às 22 pautas de direitos humanos; o posicionamento do(a) candidato(a) frente às pautas relacionadas aos 3 temas prioritários selecionados pela candidatura; os temas prioritários escolhidos pelo(a) eleitor(a) visualizando a plataforma; os bônus relacionados ao perfil identitário da candidata/o e a nota da coligação (ou partido quando não há coligação).

O projeto *Quem eu Escolho?*¹⁸, criado pelo *G1*, se apresenta como um infográfico¹⁹, utilizando a mesma lógica dos filtros da plataforma *Me Representa*, mas com um número maior de opções e outros dados para serem filtrados: "Gênero", "Ocupação", "Grau de Instrução", "Partido", "Patrimônio" (indicado de uma barra que vai de 0 a 8 milhões), "Bandeira" (29 opções de temáticas que o candidato defende, como "Meio Ambiente", "Educação" e outras) e "Área de Atuação" (que indica em qual Região o candidato já atuou). Ao clicar dentro da foto de cada candidato as opções relacionadas no filtro aparecem para confirmar os resultados obtidos. No entanto, a iniciativa não apresenta sua metodologia "ou como foram coletadas as informações que se apresentam", apenas oferecem *links* para outros infográficos especiais criados pelo *G1* e para poder fazer comentários.

A extensão *Vigie Aqui*, por sua vez, oferece um caráter operacional diferenciado: ao invés de propor um questionário, ele funciona como um *plugin* para navegadores da *web* (*Chrome*, *IE* ou *Mozilla*) ou um aplicativo para celular. No navegador, toda vez que o nome de um político aparece no texto a plataforma sublinha a palavra de roxo, e ao passar o *mouse* o usuário consegue identificar quais processos estão em curso, concluídos ou quais acusações recaem sobre o candidato ou político. Em sua versão em aplicativo, ao utilizar a câmera do celular em cima de uma foto, o *app* consegue identificar os mesmos dados e trazer essas mesmas informações.

¹⁷ Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1qoOj1ehZNOKW__1pi4IQmM4yFIThwOMaKQWxA_U9tA8/edit#heading=h.tix6d94l6oih> Acesso em 10 out. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<https://falecomog1.globo.com/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

¹⁹ Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/es/espírito-santo/eleicoes/2018/quem-eu-escolho/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Em sua metodologia o *Vigie Aqui* se utiliza não só de uma pesquisa ativa, mas de um cruzamento de dados das fotos ou dos nomes dos políticos com os dados levantados, baseado em “[...] informações oficiais pulverizadas em diversas instâncias de tribunais, como STF, STJ, TJs e TRFs. Processos sob sigilo de Justiça não são exibidos, uma vez que não constam na base de dados oficial dos tribunais.”²⁰.

Diante das estratégias apresentadas pelas plataformas de escolha eleitoral, pode-se questionar o sentido do aparecimento repentino de aplicativos do gênero. Além do viés tecnológico que indica uma forma de trazer soluções personalizadas ao usuário, há de se questionar as relações assimétricas entre as metodologias empregadas e a possível criticidade em relação aos candidatos. Como foi constatado nas eleições de 2018, mais de 50% das cadeiras de deputados estaduais e federais foi alterada²¹ por novas candidaturas, o que indica uma percepção de insatisfação sobre o estado das coisas. No entanto, as plataformas de escolha eleitoral não fornecem dados concretos sobre a qualidade e os parâmetros decisórios para o usuário em suas decisões em relação a essas questões.

Nessa perspectiva, compreende-se que as plataformas de escolha eleitoral são focadas na educação política, no sentido mais amplo do termo, e essa prática promove uma clivagem e curadoria de dados personalizada disposta a ajudar os usuários na tomada de decisão. Os usuários estão em constante prontidão e recebem informações das mais diversas plataformas, que conectam “entre nós e nexus, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc.” (SANTAELLA, 2004, p. 24). A ubiquidade midiática contemporânea em rede exerce uma grande influência na constituição de espectros políticos de um cidadão, tal como as mídias convencionais (televisão, rádio e jornal, entre outras) já exerceram e ainda exercem.

Esse processo também se constitui nas bolhas discursivas criadas nos ambientes das plataformas sociais e, portanto, sujeitas às regulações e estratégias que impulsionam a circulação tanto em função do valor que é investido para a recepção de certos conteúdos, assim como em relação à retroalimentação de dados via algoritmos que fornecem a essas bolhas as

²⁰Disponível em: <<http://www.vigieaqui.com.br/detectordefichadepolitico>>. Acesso em: 10 out. 2018.

²¹Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45780660>>. Acesso em: 09 out. 2018.

condições para que os usuários encontrem os laços sociais que os fazem se sentir confortáveis.

Em um outro espectro, é possível entender que a escolha e seleção de um candidato nem sempre é um processo racional, mas uma conflituosa mobilização de subjetividades em rede. Safatle (2018) observa que a política não se estrutura meramente em uma dimensão argumentativa de ideias, mas “[...] trata-se da mobilização de afetos, que, por sua vez, expressam adesões a formas de vidas distintas e conflituais. Você não argumenta contra afetos, mas os desconstitui. É um processo diferente²².”. Nesse aspecto, um ambiente cercado de *fake news*, debates, imagens modificadas, vídeos editados, memes e milhares de *links* com informações que atuam de forma cacofônica, leva o usuário a uma organização ou a uma lógica de absorção dessas informações em uma dimensão afetiva, tornando-o um curador automático das camadas de um mundo discursivo que ele deseja atuar, sentir e dialogar.

Dotados dessas informações os usuários e produtores de conteúdo, atuam na confecção de materiais que possam, a um só tempo, impactar e mobilizar pelo afeto, trazendo à tona traços de identificação e o medo imputado ao sujeito – tanto da recordação de sua responsabilidade perante as urnas, como perante os impactos das publicações de discursos contrários aos seus próprios anseios por outros usuários que ele tem mais ou menos contato em redes sociais. Esse talvez seja o principal efeito decorrente da seleção e escolha de um candidato, pois, como observa Safatle (2015, p. 17), “o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesse e suas fronteiras a serem continuamente defendidas, como fundamento para os processos de reconhecimento [...]”.

Conclusões

O jornalismo multiplataforma estimula a criação intensiva de conteúdo, ao mesmo tempo em que oferece uma gama ilimitada de soluções e serviços que promovem a interação entre eles. Neste processo, as plataformas sociais canalizam ou transfiguram vontades políticas em figuras de subjetividades, como nas revoltas na Islândia, Espanha, Estados Unidos, Coreia do Sul, Síria, Egito e Brasil. Essas figuras de subjetividades, como apontam Negri e Hardt (2012), são os canais potentes do ativismo,

²² Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/esta-explodindo-uma-bomba-relogio-que-ninguem-quis-ver>>. Acesso em: 10 out. 2018.

agrupando diversos discursos em subjetividades em rede, configurando-as para operar no cerne das guerras culturais.

As operações desencadeadas nas plataformas sociais se fazem sentir também no campo político, social e histórico. Neste sentido, um dos maiores desafios impostos aos usuários das plataformas sociais consiste em criar as condições para uma existência política possível, que lhe permita interagir com a dinâmica dos filtros-bolha, procurando “[...] romper essa esfera para observar e participar, em um exercício livre de alteridade, outras bolhas que não sejam a sua.” (PADOVANI; MASSAROLO, 2018, p. 587). No entanto, fazem-se necessárias análises complementares de caráter qualitativo e/ou quantitativo junto a usuários para verificação das reais influências das aplicações educativas.

Em termos de funcionamento operacional, algumas plataformas optaram por filtros mais simples, que conduzem o usuário para um sistema de escolha que, muitas vezes, corrobora pontos de vista existentes, e em outras certifica propostas e vontades políticas que já são conhecidas pelo usuário/eleitor, a exemplo dos filtros utilizados nas plataformas *Me Representa* e *Quem eu escolho?*. Na plataforma *Voz Ativa* a revelação em tempo real das reconfigurações encontradas a cada mudança, ajuda o usuário a compreender como esse processo impacta em cada uma das respostas.

Este trabalho procurou analisar a metodologia empregada nos *Quiz* com o objetivo de verificar a lógica de escolhas implementadas dentro dos dispositivos. Uma das conclusões que emergem deste estudo pressupõe, entre outras coisas, que as plataformas de escolha eleitoral trabalham com variáveis que representam pontos de vista extremos dos candidatos, com o objetivo de destacar suas ideias e propostas. No entanto, resta averiguar se esta perspectiva não enviesa as respostas sobre o perfil dos candidatos, bem como a relação assimétrica entre os candidatos que já são conhecidos do grande público e os estreantes na política, haja vista a renovação de bancadas e o número de partidos considerados inexpressivos que saíram como vencedores nas eleições de 2018.

Referências

ALZAMORRA, G.; TÁRCIA, L. Convergência e Transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 1, p. 201, 2012.

- ALZAMORRA, Geane; RODRIGUÉS, Tacyana. "Fora Rede Globo": a representação televisiva das "Jornadas de Junho" em conexões intermídia. **Revista E-compós**, Comunicação e Conflitos Políticos, v.17, n.1, 2014.
- ANDERSON, C. **A Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- ALVES, M. **Vai pra Cuba!** - A Rede Antipetista na eleição de 2014. Rio de Janeiro: UFF, 2016 (Dissertação de Mestrado em Comunicação).
- BOSCO, Francisco. **A Vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017.
- CASTELLS M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Zahar, 2013.
- COCOO, Giuseppe; CAVA, Bruno. **Enigma do Disforme**: neoliberalismo e biopoder no Brasil Global. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Deux régimes de fous**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- JENKINS. H. **Cultura de Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- MASSAROLO, J.; MESQUITA, D. **Narrativa transmídia e a Educação**: panorama e perspectivas (2013). Revista Novas mídias e o Ensino Superior. Unicmap. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NME_S3.pdf> Último acesso em: 10 abr. 2017.
- NEGRI, A.; HARDT, M. **Declaration**. New York: Argo-Navis. 2012.
- PADOVANI, Gustavo; MASSAROLO, João Carlos. Ativismo de dados como uma prática social nas plataformas. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 575-589.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SCOLARI, C. Transmedia storytelling: new ways of communicating in the digital age. In: **AC/E digital culture**. ANNUAL REPORT. 2014.
- SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço** – o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

